

DINHEIRO E CONJUGALIDADE

Angela de Souza Garbin

Psicóloga. Pós Graduanda em Psicologia pela Faculdade Meridional – IMED.

E-mail: <psico.angel@yahoo.com.br>.

Cláudia Mara Bosetto Cenci

Psicóloga, Doutoranda de Psicologia Clínica da PUC/RS, Professora da Faculdade Meridional.

E-mail: <claudia.cenci@imed.edu.br>.

Susana Konig Luz

Psicóloga, Especialista em Dinâmicas das Relações Conjugais e Familiares – IMED,

Mestre em Psicologia Clínica-UNISINOS, Professora da Faculdade Meridional.

E-mail: <susana.luz@imed.edu.br>.

RESUMO

O casamento continua sendo um status social desejado por muitos, entretanto, viver uma conjugalidade de maneira feliz e satisfatória diante das constantes modificações sociais tem sido no mínimo desafiador. São diversos os que fatores interferem para que o equilíbrio na relação se faça presente, entre eles as questões de cunho financeiro. Equilibrar os anseios afetivos com os objetivos financeiros individuais e conjugais não é uma tarefa fácil, pois exigem da díade conjugal muita flexibilidade, diálogo e respeito. Nesta perspectiva o objetivo deste estudo é identificar através de uma pesquisa teórica de que maneira o dinheiro aparece na conjugalidade e como segundo a literatura investigada, os casais tendem a gerenciar as situações financeiras que permeiam o dia a dia do casamento.

Palavras-chave: dinheiro, conjugalidade, modernidade.

INTRODUÇÃO

A sociedade moderna passa por constantes modificações, cabe aos indivíduos adaptarem-se a essas modificações, encontrando formas que favoreçam uma vida com maior equilíbrio e satisfação. Pensar o casamento como um evento pertinente ao desenvolvimento humano é também pensá-lo como um objetivo comum a muitas pessoas. Dar conta de todas as implicações que uma vida a dois exige mudança, significa adequar ideais e valores até então individuais, em projetos e interesses comuns ao casal.

Atingir a satisfação conjugal envolve inúmeros aspectos, entre eles sexualidade, questões profissionais e financeiras. Quando a vida a dois inicia começam também todos esses desafios e

manter o equilíbrio matrimonial exige da díade conjugal muita paciência, diálogo e diplomacia.

O comportamento humano é influenciado pelos mais variados fatores sendo o dinheiro um fator relevante para a satisfação e/ou insatisfação conjugal uma vez que ele exerce forte pressão na sociedade transformando relações, criando novos paradigmas e modificações constantes do que é considerado importante para uma vida “feliz” e satisfatória.

A sociedade capitalista incentiva a todo instante a política do ter. O ser tornou-se banal, e em se tratando de conjugalidade manter a homeostase entre o que a díade é, almeja ser, tem e quer adquirir, certamente pode configurar pontos de discussão e atrito se o casal não estiver em sintonia e objetivos conjugais claramente definidos e/ou compartilhados.

A proposta deste trabalho é investigar através de um estudo de revisão narrativa de que forma o dinheiro aparece na conjugalidade e como os casais se organizam quando o assunto é finanças. Para a fundamentação teórica desta pesquisa, promoveu-se a busca por artigos em bases de dados, como Scielo, PePsic e Index-Psi, livros e dissertações de mestrado.

CASAMENTO, DINHEIRO E MODERNIDADE

A modernidade trouxe incontáveis inovações, contudo antigos costumes continuam fazendo parte do desejo humano desde os tempos mais remotos, entre elas a necessidade de sentir-se amado, e pertencente a alguém, logo, casar ainda é um status social almejado por muitos. Entre tantas modificações sociais, a inserção feminina no mercado de trabalho foi sem dúvidas uma das que mais trouxeram reflexos ao relacionamento conjugal, pois exigiu uma nova forma de relação entre homens e mulheres.

As transformações sociais influenciam diretamente o comportamento humano. O surgimento de novos papéis masculinos e femininos forçam uma releitura da imagem homem e mulher, logo a união destes também precisa ser vista através de um olhar inovador, no qual o padrão relacional conjugal passa por constantes transformações (Scorsolini-Comin & Santos, 2010). O afeto e a compreensão são as características constitutivas da conjugalidade (Farinha, 2005). O amor (Perel, 2007) é o ingrediente principal para a manutenção do casamento, sendo a família de origem o lugar onde aprendemos sobre amor e sobre os relacionamentos. A família de origem influencia na capacidade de construção dos vínculos, favorece o aprendizado para o enfrentamento da vida e tais aprendizados interferem de modo significativo na escolha do parceiro e nos vínculos estabelecidos no relacionamento conjugal (Anton, 2000).

A família é responsável pela formação dos indivíduos, nela aprendemos inúmeras maneiras de nos relacionarmos, inclusive os primeiros ensinamentos financeiros, começando pelo custo de um brinquedo ou do alimento de todos os dias. Aprendemos que o dinheiro não pode faltar que ele faz parte da vida das pessoas. “O que vivemos em relação ao dinheiro está conectado às nossas experiências de vida familiar, social e cultural” (Guimarães, 2010, p. 32).

O casamento (Hintz, 2008) tem como propósito uma vida comum e é visto como uma instituição estruturante na vida social e individual, sendo uma estrutura fundamentada no amor e repleto de projeções e idealizações sobre o outro. A expectativa existente em relação ao parceiro, associada ao desejo que este se torne o modelo idealizado é que pode tornar o casamento complexo e disfuncional (Scribel, Sana & Benedetto, 2007). Os indivíduos esperam do outro e da própria relação à condição de resolver suas necessidades individuais e muitas vezes inviáveis por demandar um alto grau de idealização e expectativa (Diniz Neto & Féres-Carneiro, 2010).

O casamento contemporâneo (Féres-Carneiro, 1998) é entendido como um relacionamento amoroso capaz de produzir marcas significativas na vida dos cônjuges necessitando grande compreensão, afeto e confiança, o jeito de ser de um casal é a somatória das características de ambos e resultará no que se nomina como funcionamento conjugal. A relação conjugal (Oltramari, 2009) é percebida como uma troca íntima de comunicação entre essas pessoas.

É relevante salientar que atualmente grande parte dos casais já desenvolveu um percurso profissional e conseqüentemente sua individualidade e independência financeira, a qual é difícil pensar em dividir. Por outro lado o desejo de pertencimento e a busca por um relacionamento afetivo criam um sentimento de ambivalência atrapalhando no manejo da conjugalidade (Madanes & Madanes, 1997). Capaz tanto de unir quanto separar casais, o dinheiro esconde conflitos mais abrangentes que ele próprio, por isso é necessário aceitar que as expectativas em relação a ele variam de pessoa para pessoas, evitando assim que as questões financeiras resultem em atritos constantes entre a díade conjugal (Guimarães, 2010).

Ao pesquisarem as questões financeiras dos casais na conjugalidade contemporânea Féres-Carneiro, Ziviani e Magalhães (2011) relatam variadas situações. Apontam que existem relações onde apenas um é mantenedor do lar, às vezes em funções do desemprego do companheiro(a), outras porque a esposa é responsável pelos cuidados dos filhos. Casais, embora em menor quantidade, onde o dinheiro é gasto individualmente e cada cônjuge paga pelo que gasta. E que em relação ao dinheiro, os assuntos mais recorrentes referem-se a gastos cotidianos e despesas domésticas. Contudo, nestes casos em virtude dos gastos serem di-

vididos igualmente a maior parte dos casais não identifica o dinheiro como sendo um problema no relacionamento conjugal.

Transformações sócio-econômicas-culturais acontecem em ritmo acelerado, o choque de valores antigos com os atuais tornou-se inevitável exigindo das famílias inseridas neste contexto adequações o que conseqüentemente resulta em novas configurações conjugais (Coutinho & Menandro, 2010). Amor e dinheiro parece ser uma combinação pouco romântica, o significado de cada um é construído a partir das crenças e experiências individuais do sujeito, portanto, diferentes e únicas. Assim como a felicidade conjugal é diferente em cada parceria, para alguns está em uma relação de harmonia, respeito e colaboração, para outros no equilíbrio financeiro do casamento (Guimarães, 2010).

A manutenção do casamento contemporâneo acontece à medida que a capacidade de proporcionar satisfação mútua é pertencente a ambos os cônjuges (Féres-Carneiro, 1998). A aceitação do parceiro real associada ao respeito recíproco são desencadeadores de uma relação considerada saudável (Watzlawick, Beavin & Jackson, 2007). Os sentimentos são os motivos que mais levam as pessoas ao relacionamento conjugal norteado pelo amor romântico (Miranda & Ramos, 2012). Entretanto, para que o casamento tenha êxito Guimarães (2009) defende a ideia de que a relação precisa ser entendida como uma forma de crescimento e aprendizado mútuo, através do respeito das diferenças e flexibilidade de um para com o outro.

Muitos casamentos se realizam e se mantêm em função do dinheiro. Há indivíduos que em virtude da riqueza acumulada no casamento não se separam, os que por medo de empobrecerem continuam na relação. Também existem os que terminam o relacionamento sem considerar a questão financeira (Hintz, 2008). Existem ainda (Madanes & Madanes, 1997), os casais que só aprendem no momento do divórcio que o casamento é um negócio.

Indiscutivelmente o dinheiro acompanha a vida pessoal e conjugal, no entanto o valor atribuído a ele na vida de cada indivíduo é muito particular, envolve não só a experiência individual, mas o produto das relações construídas ao longo da vida de cada indivíduo, somadas aos valores familiares, morais e sociais de cada um.

A REPRESENTATIVIDADE DO DINHEIRO

Ao longo da história muitas formas de negociação e obtenção de lucro foram sendo estabelecidas até se chegar ao dinheiro hoje por nós conhecido e utilizado das mais diversas maneiras e para os mais variados fins. Essencial à sobrevivência humana o dinheiro faz parte do dia a dia ocupando diferentes lugares. Fundamental no suprimento das necessidades básicas da vida, como: saúde, alimentação e educação ou superficial no suprimento de necessidades criadas pela sociedade moderna (Capriles, 2005).

Fundamentados sobre uma ótica moral ou religiosa o dinheiro sempre foi tema de discussão e interesse, contudo poucos estudos com objetivo de entender os efeitos do dinheiro sobre a vida dos indivíduos estão sendo realizados ao contrário, a maior parte focado em como adquirir, manipular e multiplicar (Capriles, 2005). Hintz (2008) ressalta a necessidade de realização de estudos que favoreçam o entendimento de que maneira as pessoas se comportam frente o dinheiro e de que maneira a dinâmica familiar pode ser influenciada por este comportamento.

Ao pensar em padrões de interação familiar e modos de manejo do dinheiro, considera-se que existam regras familiares: de como utilizá-lo, o que valorizar em relação a ele, como lidar com as crises financeiras, inclusive modelos em que a afetividade foi permeada pelo dinheiro, sendo essa uma forma de expressão do afeto, amor, cuidados e insatisfações (Cervený, 2001).

Moreira (2002) refere que as atribuições que os indivíduos fazem ao dinheiro como as de maior significado estão relacionados ao poder, prazer e sofrimento. As pessoas vislumbram profissões de alta remuneração, deixando de lado a satisfação pessoal pelo trabalho, inclusive em algumas vezes abandonando as atividades profissionais que desempenham em busca de alternativas mais rentáveis. O que segundo Capriles (2005) demonstra o tormento de não ter dinheiro o suficiente ou então o desejo de ter mais.

O dinheiro (Madanes & Madanes, 1994) se tornou sinônimo de poder, beleza, felicidade e liberdade, quem não o tem não é capaz de ser completamente feliz. Contudo, cabe ressaltar que algumas pessoas possuem uma relevante quantidade de dinheiro e demonstram infelicidade causada justamente pela soma financeira acumulada.

A sociedade moderna (Netto, 2012) criou diferentes estratégias para atrair consumidores simulando um mundo feliz vendendo juntamente com seu produto um estilo de vida quase inatingível para a maioria dos indivíduos que, segundo Capriles (2005) passam uma vida toda, atormentados em fazer dinheiro e mais, focando seus esforços a fim de adquirir bens e serviços que lhes traga a felicidade inventada e portanto inatingível.

O dinheiro faz parte da constituição da identidade dos indivíduos (Russo, 2011). Ideia essa complementada por Madanes & Madanes (1997) ao retratar o dinheiro como algo intimamente ligado ao dia a dia o que o torna capaz de afetar os relacionamentos pessoais, familiares e conjugais. Conflitos profundos são ocultados, através de dificuldades financeiras e diversas relações: pais e filhos, cônjuges, irmãos e tantas outras utilizam o dinheiro como fonte de manipulação e poder. Sendo assim, os mesmos autores, afirmam que o dinheiro é o objeto representante dos anseios simbólicos da sociedade como a necessidade de querer mais do que o necessário para a sobrevivência, servindo como uma metáfora para outras questões da vida que envolve amor, justiça e poder que no dia a dia parece não estar ligada a situação financeira.

A explosão do mundo capitalista e a introdução do dinheiro no mundo moderno modifica a ideia de pertencimento, o indivíduo que até então dependia apenas de seu grupo de referência para se sentir pertencente à sociedade, percebe as qualidades dos indivíduos perdendo a importância frente a sua situação financeira. Logo, o reconhecimento social do indivíduo se dá pela quantidade de posses adquiridas tornando a busca pela riqueza um objetivo de vida (Capriles, 2005).

Ao analisar a relação entre dinheiro e consumo (Pereira, 2009) evidencia-se uma relação de interdependência, uma vez que o consumo está voltado para o ato de comprar e vice-versa, no entanto, o comprar pode ter diferentes significados, modificando-se de acordo com as necessidades do indivíduo, sendo que diversos são os fatores que influenciam o ato de comprar. O impulso aquisitivo (Capriles, 2005) sempre foi um fator importante na motivação da conduta dos indivíduos sendo relevante estudar o lugar que ocupa o anseio por bens de consumo no universo das motivações humanas para compreender e extensão e a generalização do impacto econômico na vida dos sujeitos em todos os níveis da vida social. Trata-se então de entender de que forma os indi-

víduos internalizam a questão do dinheiro e do consumo em seu próprio pensamento.

Embora faça parte ativamente do psicológico das pessoas e esteja entre as mais básicas e remotas atividades do ser humano, o consumo envolve ações como o ato ou finalidade de comprar bens, produtos e serviços e configura-se num elemento de sobrevivência biológica (Nery, Meneses & Torres, 2012). Um dos maiores desafios diante deste complexo mundo do dinheiro (Capriles, 2005) é compreender os seus inúmeros significados, já que este é usado como um projetor de expressões que segundo Russo (2011, p. 123) está além de meros aspectos mensuráveis “negar a relação entre amor e dinheiro não é somente uma idealização, mas remete a uma percepção que a nega como construção histórica, social e cultural”.

É consenso que o dinheiro é um elemento necessário para a subsistência diária dos indivíduos, entretanto não é tão simples entender as motivações, desejos e necessidades atribuídas por cada indivíduo à questão monetária. Cabe ressaltar que, mesmo não tendo uma abrangente literatura sobre as consequências do significado e manejo do dinheiro na conjugalidade sabe-se que tais influências existem e que são geradoras de diferentes formas de inter-relação.

FINANÇAS E CONJUGALIDADE

A vida conjugal é constituída por um processo de construção lenta e gradual e seguindo esta lógica, inúmeros aspectos podem ser considerados relevantes e desafiadores ao longo do ciclo vital conjugal e, para amar é necessário estar vivo, e na atualidade, quase ninguém o faz sem dinheiro (Russo, 2011). Embora existam muitos tabus, em torno do dinheiro (Madanes & Madanes, 1997) ele está constantemente norteando a vida das pessoas e os casamentos se desfazem muito mais em virtude das discordâncias em relação ao dinheiro do que por outros motivos. Assim, as questões sobre o dinheiro dentro das famílias e do casamento são assuntos que nunca se fecham ressurgindo sempre em discussões nos mais variados contextos.

Madanes e Madane (1997) ainda discutem a ideia do casamento como uma sociedade e como tal, cada sócio deseja seu lucro. Assim como em toda sociedade as responsabilidades são divididas, entretanto, sempre existe a possibilidade de que

o responsável por cuidar das finanças detenha o controle do dinheiro, o poder, bem como a oportunidade de levar vantagem econômica sobre seu parceiro. Capriles (2005) ressalta que muitas vezes na tentativa de evitar o fracasso matrimonial um membro da díade acaba por ceder ao modo como o outro gerencia as questões financeiras para evitar conflitos, uma vez que cada um carrega consigo heranças, memórias e concepções das famílias de origem de como, onde e quando o dinheiro deve ser gasto.

Quando um par se une para formar uma família (Minuchin, 1982), ambos esperam que o transcorrer da conjugalidade seja norteado pelos mesmos parâmetros de um determinado modelo a qual eles já estejam familiarizados. Cada cônjuge irá organizar a vida a dois de acordo com padrões que já sejam conhecidos e tenderá a seguir esse modelo pretendido. Em alguns aspectos isso é possível, porém cada cônjuge irá aceitar se submeter às vontades do seu parceiro em algumas situações e confrontar em outras, pois este também tem o seu padrão o qual gostaria que fosse seguido. O orçamento financeiro (Capriles, 2005) interfere na dinâmica conjugal, inclusive no que se refere a sexualidade, sendo parte do domínio e manipulação da vivência cotidiana. Existem relações onde o assunto dinheiro é inexistente, porque comentar sobre, pode causar difíceis discussões e eclodir profundas mágoas, abalando significativamente o relacionamento conjugal.

Segundo Hints (2008) a família tem suas próprias leis e determina os lemas relativos a vários aspectos da vida. Isso ocorre também nos aspectos referentes à questão financeira gerando diferentes significados, influenciando as formas de manejo.

Considerado parte importante da vida em sociedade, o dinheiro norteia a vida a dois, obrigando que os casais criem planejamentos quanto ao dinheiro que tem ou desejam adquirir, precisam entrar em acordo sobre como gastar a renda que antes era individual e pela escolha do casamento passa a ser compartilhada (Moreira, 2002). Fazer escolhas quando existem conflitos de valores pode se tornar uma decisão difícil. Quanto maior o desequilíbrio entre as questões de valores pessoais e financeiros do casal, maior a chance de um dos cônjuges assumir o controle da relação e menor a possibilidade de se construir um acordo que favoreça a parceria. Na tomada de decisão conjunta sempre está presente certo grau de conflito (Guimarães, 2010).

Mesmo sem que os casais percebam, estão constantemente em negociação, mesmo ao pensar o contrário, os jogos de poder estão sempre presentes no relacionamento conjugal e a renda individual de cada cônjuge e o desequilíbrio dos jogos de poder podem interferir na negociação intraconjugal (Courduriès, 2011). Para Guimarães (2010) a complexidade da vida financeira do casal implica lidar com assuntos monetários de maneira clara e objetiva. Sem medos, transmitindo suas ideais, crenças e valores. O desafio do casal é construir uma unidade financeira que permita ao mesmo tempo autonomia e liberdade de uso do dinheiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como propósito identificar através de uma revisão narrativa de que maneira o dinheiro aparece na conjugalidade e como os casais tendem a gerenciar as situações financeiras que permeiam o dia a dia do casamento. Segundo o estudo, a família de origem aparece como formadora de opinião, influenciando diretamente seus membros a partir dos aprendizados cotidianos do padrão relacional conjugal e familiar incluindo inúmeros crenças, valores morais, éticos e religiosos. Os significados atribuídos ao dinheiro bem como a maneira de gerenciar a vida financeira também se apresentam como reflexos dos aprendizados familiares. A família representa o eixo central da vida dos sujeitos e abandonar suas regras em favor de um novo modo de organizar a vida, é algo que exige muito de cada indivíduo na conjugalidade e, para alguns pode significar a traição de suas origens.

Em relação ao dinheiro o estudo evidenciou que este pode ser um fator positivo na conjugalidade quando o casal compartilha de objetivos para realizar projetos comuns, trabalhando conjuntamente para aquisição de bens que eles elegem como importantes, ou um fator negativo, em virtude das incontáveis discussões sobre o dinheiro e a constante impossibilidade de encontrarem um meio termo entre os desejos e anseios de cada cônjuge no que se refere às finanças do casal.

O dinheiro aparece como vital, tanto para aquisição de bens de consumo, baseado nas necessidades básicas, quanto para proporcionar um padrão de bem estar e felicidade vendidos pela sociedade capitalista. Lidar com o dinheiro é algo

inevitável e aprender a melhor maneira de fazê-lo é um constante aprendizado. Assim como o amor, o dinheiro é importante na constituição do relacionamento conjugal. Muitas circunstâncias diárias envolvem conjugalidade e finanças e refletir sobre a complexidade inerente a esta inter-relação se faz necessária uma vez que, apesar da limitação presente numa revisão narrativa, ela traz elementos relevantes para diminuir conflitos e criar a possibilidade de uma vida a dois, mais tranquila e satisfatória.

REFERÊNCIAS

- Anton, I. L. C. (2000). A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. 1. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 448 p.
- Capriles, A. (2005). Dinheiro: sanidade ou loucura. 1. ed. São Paulo: Axis Mundi, 189 p.
- Courduriès, J. (2011). O dinheiro no casamento: questões de gênero. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 623-625.
- Cerveny, C.M.de O (2001). A família como modelo: desconstruindo a patologia. Campinas: Livro Pleno, 209 p.
- Coutinho S. M, dos S. & Menandrop. R. M (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure". *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 83-106.
- Farinha, J. (2005). Aspectos teóricos de base para uma perspectiva sistêmica da realidade psicológica social. Vol. 1, n. 2, p. 60-86.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394.
- Féres-Carneiro, T., Ziviani, C., & Magalhães, A. T (2011). In: *Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade*:
- Féres-Carneiro, T. Casal e Família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia. 1. ed. São Paulo. *Casa do Psicólogo*, 43-58 p.
- Franklin, L.P. (2006). *Mulheres boazinhas não enriquecem*. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gente.
- Guimarães, C.M.B. (2010). *Até que o dinheiro nos separe*. São Paulo: Saraiva, 191p.
- Hintz, H. C. (2008). Questões Afetivas versus Questões Financeiras na Relação Conjugal. In: Macedo, R. M. S. *Terapia Familiar no Brasil na Última Década*. 1. ed. São Paulo, Roca, 376-382 p.
- Madanes, C. & Madanes, C. (1997). *O Significado Secreto do Dinheiro*. 1. ed. Campinas: Editorial Psy, 228 p.
- Minuchin, S. *Famílias, funcionamento e tratamento*. 1ed. Porto Alegre. Artmed, 238p.
- Miranda, C. E. S., & Ramos, J. de S. (2012). A fragilidade dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade. *Centro Universitário do Leste de Minas Gerais*.
- Moreira, A. S. (2002). Dinheiro no Brasil: um estudo comparativo do significado do dinheiro entre as regiões geográficas brasileiras. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p.
- Nery, M. M., Meneses, C. A. S., & Torres, T. K. S. (2012). Um breve ensaio da psicologia a cerca do comportamento consumista na sociedade atual. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, v.1, n.1, p. 53-62. Aracaju.
- Netto, B. R. (2014) O consumidor para além do seu conceito jurídico: Contribuições da filosofia, sociologia e antropologia. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Oltramari, L. C. (2009). Amor e conjugalidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677.
- Pereira, É. S. (2009). Administração financeira pessoal e o consumo: um estudo em três cidades mineiras. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade *Novos Horizontes*. Belo Horizonte.
- Perel, E. *Sexo no cativo*. *Driblando as armadilhas do casamento*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Objetiva, 243p.
- Russo, G. (2011). Amor e dinheiro: uma relação possível? *Caderno CRH*. Salvador, v. 24, n. 61, p. 121-134.
- Scorsolini-Comin, F., Santos, M. A. (2010). Satisfação Conjugal: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 23 n. 3.
- Scribel, M. do C., Sana, M. R., & Di Benedetto, A. M. (2007). Os esquemas na estruturação do vínculo conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 3, n. 3.
- Waltzlawick, P., Beavin, J. H., & Don, J. D. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*, 1. ed. São Paulo, Cultrix.

Money and conjugality

ABSTRACT

Marriage remains a social status desired by many, however, live a conjugal happy and satisfactory manner in the face of constant social changes has been challenging in the least. There are several factors that interfere so that the balance in the relationship will be present, including issues of financial nature. Balancing the emotional yearnings with individual and marital financial goals is not an easy task because of the marital dyad require much flexibility, dialogue and respect. This perspective, the aim of this study is to identify through a theoretical study of how the money appear in marital and as according to the literature investigated, couples tend to manage the financial situations that permeate the everyday wedding.

Keywords: money, marital, modernity.

Recebido em: 05/03/2014

Avaliado em: 20/03/2014

Correções em: 10/04/2015

Aprovado em: 13/05/2015

Editor: Vinícius Renato Thomé Ferreira